

Editor Carlos Marcelo
pensar@gallia.com.br
Tel. 3214-1176 - Fax 3214-1194

Coletânea encerra a reedição da obra ortônima de Fernando Pessoa com mais de 120 poemas inéditos

A voz do desassossego

» ALEXANDRE PILATI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Quem lê *Fernando Pessoa — Poesia 1931-1935 e não datada* sente-se no escritório do poeta português, acompanhando seu trabalho, observando os (des)caminhos da sua composição, as suas inquietações, entendendo a retomada e a experimentação de técnicas poéticas, constatando a sua fixação por determinados temas. Enfim, o leitor contempla o cuidadoso método de trabalho que forja um enigma lírico que tem a estatura dos maiores cultores da língua portuguesa. O enigma de um poeta que se expandiu em heterônimos, pois não cabia apenas em si, e que disse certa vez a respeito da sua poesia publicada: "Nenhum desses textos é definitivo".

Com este livro completa-se a série de reedições da obra do Pessoa ele-mesmo pela Companhia das Letras, a qual cobre mais de 30 anos da produção do poeta e apresenta um significativo número de poemas inéditos. São mais de 120 nesse volume e, ao todo, mais de 350 poemas ainda não publicados. Entre eles, não há nenhum estúpido poema, embora alguns certamente surpreendam, como é o caso do mínimo *A Baudelaire*. Todavia, é impossível negar que um número tão grande de textos inéditos, associado à apresentação de poemas fragmentários e outros já bastante famosos recoloca, de forma oportuna, o problema literário do Pessoa ortônimo ao leitor brasileiro.

Tal problema ilustra-se bem com a lembrança da última frase do poeta, anotada num pedaço de papel, pouco antes de morrer, em 30 de novembro de 1935, vitimado pela cirrose que carregava graças ao abuso da ingestão de bebida alcoólica. A frase em inglês dizia: "I know not what tomorrow will bring". Pessoa é isso: um lírico com alta consciência dos limites do conhecimento, mas que imerge na especulação como quem intui sempre o outro lado de um mistério. Sua poesia, como apresentada neste *Fernando Pessoa — Poesia 1931-1935 e não datada*, expõe um autor que tinha um projeto literário. Um autor a quem, contudo, faltará para sempre uma "obra" no sentido que costumamos ver em outros, ou seja, algo acabado, desejado, cumprido ainda que rozavelmente.

Naquele dia de 1935 em que Fernando Pessoa deixava o mundo, iniciava-se o mito do "supra-Camões",

que ele mesmo enunciara num ensaio de 1912. Este "supra-Camões" é o próprio Pessoa, um interessante caso de grande personalidade literária que começa a viver depois da morte. Fernando Pessoa é um autor "criado" postumamente (especialmente pelas juntas das de poemas que são feitas a partir de 1942) e cuja obra, dispersa embora, guarda uma profunda coerência e uma organização de intenções consistente. Trata-se de uma organicidade que durante a vida jamais se realizaria em publicações.

Em vivo, Pessoa publica poemas esparsamente em revistas e periódicos. Em livro, saem apenas *English poems* (1921), que reúne *Antinous*, *35 sonnets* (publicados primeiramente em 1918), *Inscriptions* e *Epithalamium*. Além disso, na língua de Camões, o poeta fingidor publica apenas *Mensagem* (1934), que concorre a um prêmio do Secretariado de Propaganda Nacional, alcançando apenas uma menção de "segunda categoria". A parca publicação, entretanto, contrasta com a abundante e vigorosa produção. Pessoa morre desconhecido, com um pequeno número de conhecedores de seus talentos, os quais admiravam sua inteligência literária inquietante. Morito, começa a viver como mito literário, na sequência dos vários reestabelecimentos do conjunto de sua obra, que a cada pouco renovava o corpus literário do Pessoa ele-mesmo.

Mito-monumento

Mas de que é feito esse mito-monumento da última flor do Lácio? De que matéria se compõe o "supra-Camões"? *Fernando Pessoa — Poesia 1931-1935 e não datada* ajuda a ver pelo menos uma, talvez a mais evidente, entre tantas equações que nos encaminham para os meandros desse mistério. Esta equação lírica do Pessoa ortônimo da maturidade é pautada por um olhar perquiridor. O olho que pergunta olha para fora de si e para os desassossegos da mente. Olho e mente, assim, juntam-se e expandem a potência especulativa em versos sobre o coração, a natureza, os próprios pensamentos. Esta pesquisa lírica encontra, então, um caminho palmilhado pelo nada e pelas negativas.

Como entender de outro modo o poeta que diz: "Não: nada quero, nada vou querer." / "Se o silêncio, que dói saber? / Que nada sou nem quero, me venha dar / A sensação de nada desejar". Mas insistir tão

fortemente em negar não é também uma forma de afirmar? Perguntar não é senão outra forma de admitir? O silêncio da atmosfera exterior, captado pelo olhar lírico, é transformado em matéria de reflexão num impressionante poema de 1931: "Cai amplo o frio e eu durmo na tardança / de adormecer — / Sou, sem lar, nem conforto, nem esperança, / Nem desejo de os ter".

O silêncio deixa de ser ausência de sem apenas, passando a ser algo que ganha integridade no elemento natural do frio. A natureza é o frio, o eu e a sua inquietação: inseparavelmente. Elementos da atmosfera, assim, transformam-se em vetores da reflexão e tudo se torna um orgânico de iniquitação — reflexão, natureza, desejo. "Dentro de meus ossos teu tremor delira" é o que diz o poeta sobre o frio do inverno duro, dizendo também algo sobre o fundo de si mesmo. Se num momento é o frio que invade ossos e pensamento, noutro é o mar (símbolo tão substancial da nação portuguesa!) que se coaduna com a iniquitação reflexiva: "No mar alto, no mar largo / Ou enfim, num mar qualquer / Desperto desse letargo / Que decidi ter que ter". Na matéria da contradição (que lembra a famosa *Autopsicografia*) está o fundo de desassossego que Pessoa soube eleger como prisma a partir do qual o olhar lírico vê coisas, mundo e infimo.

Poeta cindido, de dicção dolorosa, Pessoa é mesmo o "supra-Camões" desassossegado. Um Camões maior e menor também. Menor pois não há mais o país de esperanças que o autor de *Os Lusíadas* cantara. Maior pois o nada é sua matéria e seu ponto de chegada, prova de que de Portugal só restam ruínas da glória de um passado reificado no próprio idioma. Trata-se de um poeta dividido: "Divido o que conheço." / "De um lado é o que sou." Do outro quanto esqueço? Por entre os dois eu vou". Vai assim o poeta dividido caminhando através dos tempos e dessa subalterna língua que também é nossa. Vai o poeta inquieto, inquietando a crítica, que só lhe pode responder perguntando ainda mais — Quem é esse Pessoa? Quem é esse que escreve que "É nada, mas é diferente." Da sombra em que a noite está? Apesar de tão lido e recitado, Pessoa parece sempre inédito, pois é sempre enigma.

Alexandre Pilati é doutor em Literatura Brasileira e poeta, autor de *Práfora* (7 Letras, 2007)

Dois poemas

A Baudelaire

As podridões geram flores
Bem o sei, ó alma doente
O exilado dos amores
Espírito do poente.

(Inédito — não datado)

•••

Qual é aquela canção
Que, em vontade do que sinto,
Procuro, e procuro em vão?
Sempre que a escrevo, me mintu.

Era melhor não pensar,
Porque assim cantaria:
Era uma canção a dar
A quem procuraria.

Hálito breve e desnudo
De uma intenção de dizer.
Falado, calava tudo.
Dito, ficava a esquecer.

27-7-1934



FERNANDO PESSOA — POESIA 1931-1935 E NÃO DATADA

De Fernando Pessoa. Companhia das Letras, 648 páginas. R\$ 59.

L2

LIVROS&LEITURAS • SÉRGIO DESÁ // SERGIO.SA@TERRA.COM.BR

Na torcida

A Copa de Literatura Brasileira (<http://copadeliteratura.com>) é como um campeonato de futebol. Esquema mata-mata. Perdeu, cai fora. Os romances concorrentes deste ano já foram escolhidos, mas não ainda quem joga contra quem e com que juiz (crítico) apitando a partida. Confira os 16 times (autor, texto e editor) escolhidos em lista no mínimo eclética. Mais de quatro candidatos são sérios candidatos ao rebaixamento:

- » *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll (Record).
- » *Areia nos dentes*, de António Xerxesnesky (Não Editora).
- » *A arte de produzir efeito sem causa*, de Lourenço Mutarelli (Companhia das Letras).
- » *O conto do amor*, de Contardo Calligaris (Companhia das Letras).
- » *Cordilheira*, de Daniel Galera (Companhia das Letras).
- » *Dias de Faulstich*, de António Dutra (Imprensa Oficial).
- » *O fazedor de velhos*, de Rodrigo Lacerda (Cosac Naily).
- » *Flores azuis*, de Carola Saavedra (Companhia das Letras).
- » *Galléia*, de Ronaldo Correia Brito (Alfaguara).
- » *Jonas, o copromanta*, de Patrícia Melo (Companhia das Letras).
- » *O livro dos nomes*, de Maria Esther Maciel (Companhia das Letras).
- » *Manual da paixão solitária*, de Moacyr Scliar (Companhia das Letras).
- » *Oryzões do Eitorado*, de Milton Hatoum (Companhia das Letras).
- » *O ponto da partida*, de Fernando Molica (Record).
- » *O vencedor está só*, de Paulo Coelho (Agir).
- » *O verde do Chibo*, de Vanessa Barbara e Emílio Fraia (Alfaguara).

Efeito com causa

Em noite deliciosa de bate-papo na última quarta-feira, no CCBB, o escritor Lourenço Mutarelli (foto) se mostrou uma figuraça: sincero, sóbrio, inteligente. Ao lado do ator Milhem Cortaz, simpatia em pessoa, Mutarelli arrancou silêncios da plateia com revelações que nem valem a pena ser colocadas no papel da pressa jornalística. Elogiado por Chico Buarque na Festa Literária Internacional de Paraty como uma das vozes renovadoras da literatura brasileira contemporânea, o ex-quadrinista (friso que só voltará a publicar quadrinhos por necessidade financeira) contou que o romance do projeto Amores Expressos está em fase de conclusão. Há duas possibilidades de título, com ou sem conjunção: *E ninguém gritava da ponte* ou *Ninguém gritava da ponte*. O autor de *O cheiro do ralo* detestou Nova York, teve um bloqueio criativo na volta da viagem, mas sobreviveu. Ou quase isso, como puderam constatar os presentes ao quarto encontro do ciclo *Arte/Inconsciente*.

Felicidade

Nunca fomos tão felizes finalmente apareceu em DVD. A adaptação de Murilo Salles para o conto *Alguma coisa urgentemente*, de João Gilberto Noll, é uma das mais pungentes visões sobre as relações entre pai e filho levadas ao cinema. Em 1984, angariou no Festival de Brasília os prêmios de Melhor Filme (juris oficial e popular), Melhor Roteiro (Alicione Araújo) e Melhor Montagem (Vera Freire). Na tela pequena, a história não envelhece nem desaparece. É uma renovação da prova de que Salles conseguiu matar o pai literário, para o bem dos dois, conto e filme.

Rodrigo Machado/Divulgação



Agenda

- » Na tevê, o programa *Leituras* continua a pleno vapor na TV Senado, com crise ou sem crise. Hoje (9h30 e 20h), haverá reprise de entrevista com Marina Colasanti. Amanhã (8h e 20h30), Maurício Melo Junior conversa com o poeta Antonio Carlos Secchin.
- » Na Livraria Cultural (CasaPark), Luci Afonso lança hoje, às 16h, *O guardião da manhã* (edição da autora), livro de crônicas. E na quarta, dia 29, Gisele Lempere apresenta *Tempo de poesia* (Thesaurus), às 19h.
- » Renata Pallotini será homenageada na Biblioteca Nacional de Brasília, dentro do projeto Tributo ao Poeta. Com participação de André Gomes, Augusto Rodrigues e Heloísa Sousa, o encontro ocorre na próxima quarta-feira, às 19h.
- » Luiz Ruffato está de volta à cidade. Participa de bate-papo e autógrafo *O livro das impossibilidades* (Record) no Açogue Cultural, T-Bone (312 Norte), na quinta-feira, dia 30, às 20h.

O curioso caso de Wilhelm Schüch

» CLAUDIO DE MOURA CASTRO
ESPECIAL PARA O CORREIO

Circula nas bandas de Ouro Preto um curioso fragmento de história: D. Pedro I teve um filho com a Marquesa de Santos. O jovem seria endiabrado e criava problemas para a Corte. Foi então mandado para uma fazenda, próxima de Ouro Preto, nos contrafortes da Serra do Espinhaço, próxima ao Colégio Caraça.

Essa história tem tudo para ser apócrifa. Mas a fazenda é de verdade. Está magnificamente situada, em um vale arredondado, entre picos pedregosos que atingem mais de 1.700m de altitude. Nas palavras de Pedro II, "caminho sempre belo. Vi bem a Serra do Capanema e suas gargantas".

Infelizmente, da sua sede, apenas sobra o porão. A capela do século 18 foi bem restaurada e chama atenção o seu discreto charme barroco. Se não passa de lenda a versão ouro-pretana, a história dos moradores da fazenda ainda é real e ainda mais fascinante. Bem mocinha, a Princesa Leopoldina de Habsburg, ainda vivendo no palácio de Schönbrunn, demonstrou gosto e jeito pela mineralogia e ciências da vida. Seu dileto professor chegou a propor que, se não se casasse, poderia virar mineralogista. Seria uma profissão um tanto surpreendente para uma mulher, ainda mais, tratando-se de uma princesa. Mas a vocação não se materializou, pois o casamento foi arranjado, apesar de o noivo morar bastante longe. Em vez de virar mineralogista, Leopoldina embarcou para encontrar-se com D. Pedro I e virar Imperatriz do Brasil. Mas, em linha com a tradição intelectual de sua família e da qual ela não se afastava, levou para o Brasil um bando de naturalistas e pintores.

Fazia parte do time Rochus Schüch, seu estimado professor de mineralogia. Morando na Quinta da Boa Vista, D. Leopoldina criou com ele o início de um museu de história natural. Provavelmente, as pedras, plantas e bichos ajudaram a aturar as infidelidades e grosserias de D. Pedro I. Anos depois, Schüch veio a ser também professor de alemão e italiano do filho, D. Pedro II.

Schüch conheceu uma suíça, Josephina Roth, e com ela se casou. O casal se mudou para a fazenda no sopé da Serra do Capanema, onde Schüch fazia trabalhos de geologia e botânica, encomendados pelo Imperador. E como mostram as cicatrizes de lava ainda visíveis na propriedade, minerava ouro. Enquanto lá estava, teve um filho batizado como Wilhelm. Com o apoio financeiro do Imperador, o jovem foi estudar na Áustria, formando-se em Engenharia pela Politécnica de Viena. Ao voltar, tornou-se professor da Escola Militar, virando capitão, por concurso.

Mudança de nome

Em algum momento, livrou-se do incômodo nome e sobrenome que ninguém conseguia pronunciar. O pai, que era Rochus, nome igualmente im-

pronunciável, já havia virado Roque. Wilhelm virou Guilherme e tomou como sobrenome a serra bem atrás da casa onde havia nascido. Virou então Guilherme Capanema.

Trata-se de uma das figuras mais interessantes do Império. Para o muito que fez, não merecia ser tão esquecido. Meteu-se nos assuntos mais inesperados e desapareceu. Era erudito, empreendedor e brigão.

Como engenheiro militar, conseguiu produzir munição para os rifles Dreysse que o Exército havia comprado da Prússia. Foi uma façanha que os fabricantes não esperavam. Em seguida, começou a construir foguetes do tipo Halle, de uso militar. Suas criações chegaram a ser usadas na Guerra do Paraguai. Foi provavelmente o único no Brasil a dominar as artes da foguetaria.

Foi mandado para a Real Fábrica de Ferro de Ipanema (próxima de Sorocaba), com o objetivo de revitalizá-la. O ferro era estratégico durante a Guerra do Paraguai. Abriu uma indústria de papel em Petrópolis, a Fábrica Orianda, produzindo com excepcional qualidade. Seus papéis eram usados pelos melhores jornais do Rio de Janeiro e pela Casa da Moeda. Contudo, a fábrica acabou fechando, por falta de matéria-prima.



O nosso mercado não é mais um pequeno ponto da Europa, que comprava e vendia nossos produtos a bel-prazer. O mercado agora é todo o mundo civilizado"

Wilhelm Schüch, Barão de Capanema, em 1858

Invenção de formicida

Preocupado com a voracidade das formigas, inventou e patenteou um formicida, baseado no disulfeto de carbono. Chegou a ter fábricas, localizadas em três estados, produzindo o seu formicida. Instalou o primeiro telégrafo do país, ligando a Quinta da Boa Vista à sede do Exército. Em seguida, passou a dirigir o Telégrafo Nacional, construindo inicialmente uma ligação com o Rio Grande do Sul, estratégica, por conta da Guerra do Paraguai, depois para o Norte e Nordeste.

Sua experiência de operar em climas tropicais úmidos o levou à invenção de um modelo de isolador para as linhas telegráficas terrestres. Nos trópicos, o calor e alta umidade levavam à deterioração rápida dos isoladores existentes. Como isso era um

"LIVROS SÃO A MELHOR COISA QUE TEMOS EM NOSSAS VIDAS; ELES SÃO NOSSA IMORTALIDADE"

VARLAM CHALÁMOV (1907-1982), ESCRITOR RUSSO

Sempre Chico

Ir ao câmpus da Universidade de Brasília é momento de reencontrar, no mesmo local e do mesmo jeito, o velho Chiquinho, livreiro dos mais afeitos. A Livraria do Chico está lá no Ceubinho, propondo-se a ampliar o imaginário dos estudantes. Na bagueta organizada do espaço, a gente sempre encontra alguma surpresa. E a viagem no tempo torna-se inevitável.

Livro filmado 1

O escritor norte-americano de ascendência irlandesa Frank McCourt morreu no último domingo, aos 78 anos. Ele escreveu *As cirzas de Ângela*, autobiografia que lhe deu um prêmio Pulitzer e a fama. O texto foi adaptado ao cinema em 1999, por Alan Parker. A tradução brasileira, editada pela Objetiva, está esgotada. Mas, caso o fluxo morte-reedições ocorra sem transtornos, deve voltar em breve às rotativas e às melhores casas do ramo.

Livro filmado 2

Por falar nessa relação entre tela e texto, *O turista acidental* acaba de desembarcar nas livrarias depois de anos fora de catálogo por aqui (a primeira e única edição foi lançada pela Imago em 1987). O romance da norte-americana Anne Tyler virou filme dirigido por Lawrence Kasdan.

Livro filmado 3

Outro caso de sucesso (comercial, sobretudo) na transposição foi *A cor púrpura*, de Alice Walker, também ganhador de um Pulitzer. Steven Spielberg comandou a versão cinematográfica. Repete-se ainda, assim como no caso de *O turista acidental*, a ausência do romance das prateleiras das livrarias desde o final dos anos 1980. A José Olympio relança o título agora, curiosamente traduzido a seis mãos.

Claudio de Moura Castro traça a trajetória injustamente esquecida do Barão de Capanema, pioneiro na preocupação ambiental e avô de um dos mais marcantes ministros da Educação da história do Brasil



problema grave. Capanema foi levado a desenvolver um novo tipo de isolador, que não usava peças metálicas. Foi convidado pelo Imperador para comandar uma missão exploratória ao Ceará, com Gonçalves Dias, Raja Gabaglia e Freire Alemão. Promoveu uma desastrosa importação de camelos para o Ceará, pois a sociedade local era muito atrasada. Não conseguiu alimentar os bichos nem se entender com os guias árabes.

Do ponto de vista de abastecer o museu de história natural, a expedição foi um sucesso. De todos os outros pontos de vista, foi um fracasso. Frustrou os que esperavam que encontrasse minas de ouro. Devido à insalubridade de Fortaleza, vários membros da expedição adoeeceram. A organização foi desastrosa, atrasando tudo. A missão ao Ceará provocou comentários tão cáusticos que preferiu escrever sob pseudônimo, como se fosse o cavalariá da expedição (*Os ziguezagues do Dr. Capanema*).

Preocupação ambiental

Diante de tamanhas e tão variadas proezas, em 1881, virou Barão, por decreto do Imperador. Suas pioneiras preocupações com a degradação do meio ambiente são mais do que atuais. Deixou muitos escritos sobre o assunto. Em um pequeno livro denominado *Agricultura: fragmentos do relatório dos comissários brasileiros à exposição universal de Paris em 1855*, Capanema contrastou os avanços tecnológicos europeus observados naquela exposição com o caráter rudimentar e predatório da lavoura brasileira, cujas origens históricas remontavam à formação colonial do país. Incomodava-o a precariedade e improdutividade da agricultura brasileira. Diante dela, temia pelo futuro do país.

Uma de suas grandes preocupações era a escassez de água, sobretudo no Nordeste. A esse respeito, escreveu um livro que se tornou bastante conhecido, talvez até pelo contróvertido que era. Propôs a construção de açudes e a integração do Rio São Francisco com os rios do Nordeste Setentrional.

Apesar desse avançado e variado currículo, com a proclamação da República, foi sumariamente demitido de seu emprego de diretor do Telégrafo Nacional. Mas não desistiu. Com quase oitenta anos, em 1903, assumiu o cargo de diretor do Jardim Botânico.

Cada geração interpreta a história com seus próprios valores e padrões culturais. Olhando para Capanema, no limiar do século 21, vemos uma figura sintetizada com tudo que valorizamos hoje. Era culto, multidisciplinar e afeito às teorias, pois chegou a ter contribuições na matemática. Circulava com desenvoltura nos círculos científicos, na horrenda burocracia do Império, na Corte e nos círculos internacionais. Não obstante, tinha sólido espírito prático, não vacilando em usar as mãos e enfrentar desconfortos, como demonstrou na épica instalação do telégrafo e na tragicômica viagem ao interior do Ceará.

Foi um cientista dedicado à mineralogia, geologia e botânica. E também inventor profícuo. Não só inventava como criava fábricas para produzir seus inventos. Cumpria, portanto, o mandato de empreendedorismo que tanto valorizamos hoje. Em suas ideias, foi premonitório. Preocupava-se com a péssima agricultura brasileira, com os problemas de desmatamento e com a escassez de água. Propôs a construção de açudes e a transposição do São Francisco. Propôs substituir os troncos das jangadas por pontões de ferro. Quase acertou, pois hoje foram adotadas estruturas ocas. Foi um dos primeiros ambientalistas e preocupava-se com a falta de preparo do país para a globalização. Finalmente, seu DNA se revelou excepcional, pois foi o avô de Gustavo Capanema, um dos mais destacados ministros da Educação de todos os tempos.

Por que o Barão de Capanema foi esquecido?

Claudio de Moura Castro é economista, professor e pedagogo, autor de livros como *Melo século no limiar do perigo*, *Educação brasileira — Consertos e remendos* e *O computador na escola*